

Conceitos fundamentais da Psicanálise

**Apresentação, leitura e comentários de
Seminários e Textos de Jacques Lacan**

Os Nomes-do-Pai

e

Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise

Paulo Medeiros

10 - 22 de junho de 2004

*Memória e transcrição de gravação*¹

Leitura na página 28.

Comentários.

Sim, de fato há um bocado de coisas assim trazidas, desde o começo do parágrafo lido. Reparem haver toda uma concepção a respeito...

Intervenções – [...]

Sim, vamos discutir isso, mas há, pelo menos, duas vertentes possíveis nos seus comentários: há, primeiro, o aspecto da causa a ser considerado... Na vez passada discutimos os termos *hiância*, *hiante*, *hiato*.. Agora, temos a afirmativa no lugar *onde essa hiância se produz*. *Causa* implica Aristóteles e Kant, pelo menos, citados anteriormente.

*A redação lógica
entre causa e
hiância*

Intervenção – [...]

Isso mesmo, na página 26.

Agora, na página 26: *introduzir no domínio da causa a lei do significante*.. *no lugar onde essa hiância se produz*. É como se não houvesse causa, mas está aí, já, algo significante nesse lugar.

Intervenções – [...]

É... E ao mesmo tempo tem-se a impressão de que *causa*, no sentido de origem, está sendo questionada, o que de fato se questiona da perspectiva de uma estrutura.

Intervenção – [...]

¹ Paulo Medeiros. Revisão ortográfica: Dulcinea Santos e Maria Teodora de Barros Oliveira.

Justamente. A idéia como sempre em busca da precedência. Torna-se necessário retomar o conceito Inconsciente como se Inconsciente estivesse sempre relacionado a algo de origem, como estando sempre em busca de algo anterior.

Intervenções – [...]

Por certo. É por isso que encontramos a referência de Lacan ao Inconsciente freudiano e ao *noSSO*. Quanto ao título, ainda que colocado para efeito de editoração e publicação, não deixa de manter uma relação.

Intervenção – [...]

Numa rede.

*O campo epistêmico
do Inconsciente*

Signorelli. Sexo e Morte. *Eros e Thanatos* Vida e Morte. Bem, além disso que falaram, notamos haver no texto um resumo das idéias sobre o Inconsciente no campo das idéias, e esse Hartmann ficou conhecido justamente por haver escrito um trabalho relevante no campo da Filosofia sobre o Inconsciente. Então essa idéia de Inconsciente é para ser lembrada em contraposição à experiência inconsciente numa relação transferencial, conforme acentuada por Freud; o Inconsciente freudiano é radicalmente outro em relação ao do campo da Filosofia. É um termo inaugural. Lacan fez algumas tentativas de depurar esse termo devido, justamente, aos mal-entendidos históricos, e aqui ele está acentuando o fato de o Inconsciente freudiano não ser esse Inconsciente registrado no campo da Filosofia, por exemplo, por Eduardo von Hartmann, citado no seminário. Mas a gente vai verificando, aos poucos, também, que Lacan vai introduzindo algumas diferenças, diferenças conceituais, entre ele e Freud, e aí, então, já podemos destacar a lei do significante na abordagem de uma causa e sua relação com uma hiância. Essa hiância parece representar um buraco a ser tapado por concepções e substancializações de toda ordem, sobretudo uma busca incessante por uma origem. O que Lacan afirma é que o encontrável é o significante que já está lá. Há, então, um Inconsciente até Freud; o Inconsciente freudiano é radicalmente outro que o até então conceituado. Lacan, por sua vez, mas não sem partir do Inconsciente freudiano, o conduzirá, no entanto, a experiências mais radicais.

E, ainda na página, 29, *a todos esses Inconscientes sempre mais ou menos afiliados a uma vontade obscura considerada*, reparem,

primordial, a algo de antes da consciência, o que Freud opõe – o que é que Freud opõe? – ao nível do Inconsciente há algo homólogo em todos os pontos ao que se passa ao nível do sujeito.. Então, ao mesmo tempo em que havia em Freud uma certa metáfora extraída do campo da Arqueologia, como se houvesse extratos, inconsciência-consciência, em trabalhos como a *Interpretação de sonhos* e em vários outros exemplos, como o já lembrado hoje aqui, *Signorelli*, o que Lacan indica é já a existência de toda uma rede de significantes instalada.

Intervenção – [...]

O significante

A lei do significante em Lacan é a seguinte: *significante é o que representa um sujeito para um outro significante*

Intervenção – [...]

Corresponde ao que já estudaram em Freud, com sua noção de representante da representação. Há aí uma homologia, uma simetria entre os termos.

Intervenção – [...]

Sim, claro, o *Blaø mágiø* é extraordinário. Você tem toda razão, ali encontramos, de modo singelo, toda a exposição sobre o que podemos extrair dessa concepção representacional a partir das inscrições mais primevas, sobre a origem do traço unário e do significante.

Intervenção – [...]

*A escrituração
matêmica*

Hum... Sim, está bem assim, mas o quadro tem uma imagética que quebra nossas abstrações, por isso uso pouco para nossas conversas aqui, salvo em relação à escrita de matemas, grafos e nós, enfim, escriturações matemáticas. Reparem, acho que já escrevi essa fórmula no quadro: $S_1 \rightarrow S_2$. Esses números estão numa função de índice, são índices, não estão aí enquanto números; não se trata de Matemática, mas de Lógica, a Lógica ou a Lei do Significante. O primeiro termo, significante índice um, enquanto singular, único, chamado mestre; o terceiro da fórmula, termo terceiro, significante índice dois, plural, cadeia, encadeamento, constelação, no dizer de Freud. Nessa lei do significante, há sempre um endereçamento retroativo, do único à cadeia que, por sua vez, o coloca nesse lugar um. O que é um significante um colocado nesse lugar um? Pode ser um significante qualquer, aquele que, num determinado

*A Lógica do
Significante*

momento da fala, aí é colocado de acordo com a combinatória, nesse momento, efetivada pelo conjunto ou cadeia a ele referente.

Intervenção – [...]

Foi com ela que Lacan nos falou de Simbólico. Aquele que é feito fato de linguagem. Lidamos com fatos linguageiros, não fatos factuais. Isso quer dizer que, num determinado momento, para um determinado sujeito, numa determinada situação, no contexto de uma relação com determinados sujeitos outros, nesse momento há o fato de um significante qualquer aí nesse lugar ser determinado pelos demais da mesma cadeia, da mesma relação. Não se trata de uma prevalência de ordem: primeiro e segundo. É como, num determinado momento, tais significantes se ordenam, promovendo um endereçamento àquilo que denominamos sujeito. A posição de um determinado sujeito é, então, determinada por essa ordem de endereçamento, estando o sujeito aí nessa posição de endereçamento, onde se encontra, na fórmula, o vetor. Tomemos, como exemplo, este momento, atual: nossa relação, aqui, agora, está determinada pela composição deste momento; se chegar mais alguém, ou sair alguém, ou se fosse diferente a composição, as falas seriam outras.

Intervenções – [...]

Fale-nos mais sobre isso, pois foi com a noção de estrutura, em Saussure e Lévi-Strauss, que Lacan nos trouxe uma concepção que lhe é própria.

Intervenções – [...]

*A relação psíquica
entre linguagem e
desejo*

O desejo está articulado enquanto linguagem, na forma de um sistema linguageiro.

Intervenção – [...]

Eu não estou certo sobre se Lacan disse algo mais, além do que Freud já havia descoberto. Creio que Lacan disse as mesmas coisas, mas de modo diferente.

Mas reparem na página 19, a primeira frase. Leiam.

Leitura: O traço diferencial da histérica é precisamente este – é no movimento mesmo de falar que a histérica constitui seu desejo. De modo

que não é de espantar que tenha sido por esta porta que Freud entrou no que eram, na realidade, as relações do desejo com a linguagem, e que de tenha descoberto os mecanismos do inconsciente

Intervenções – [...]

Pois então, há algo anedótico sobre isso. Mas começa a ficar meio terrível isto de se contar a própria existência por décadas. A gente começa a contar histórias, no que já há indícios de uma certa velhice. Mas, sobre isso que disse, repare só: nos primeiros encontros que havia aqui no Brasil, para se falar sobre o ensino de Lacan - e o modelo proposto inicialmente continua a ser efetuado mais ou menos do mesmo jeito, numa certa repetição de algum esquema parecido com o esquema de missões religiosas, encontro aqui, encontro ali, encontro acolá – surgiam nessas ocasiões trabalhos alguns muito bons, outros hilariantes, além de situações muito curiosas, nas quais Lacan era apresentado muitas vezes como bufão, fazendo piadas e trocadilhos, trazendo enorme prejuízo para melhor compreensão de seu ensino. Felizmente, claro, não era só isso, ficaram os aforismos, matemas, enigmas a nos fazerem pensar haver algo de muito diferente e original nisso tudo.

Sim, claro, o significante permite trocadilhos, mas como Freud já o demonstrou com os elementos da Filologia, as palavras são inconsistentes face às letras que as compõem. Está no fonema a consistência das palavras e na letra o elemento mínimo indivisível. A partir daí pode-se fazer qualquer composição possível. Heidegger, por exemplo, chegou a afirmar só ser possível filosofar em alemão, pois considerava a língua alemã ser a única a permitir combinatória necessária ao filosofar. E aí, que resposta pode-se dar à afirmativa desse filósofo? Freud – será devido à língua alemã? – já nos demonstrou as possibilidades combinatórias dos significantes antes mesmo de Saussure os nomear estruturalmente como tais, indicando-nos a inconsistência das palavras. Porém, há, em relação aos significantes, em sua significância para cada sujeito, algo a ser considerado: a sua diacronia, isto é, a sua história, em toda a sua singularidade, em relação exclusiva com determinado sujeito. O significante mantém, sim, uma relação arbitrária com o sujeito, mas numa relação histórica, daí ser *significante*, sua ação, sim, é sincrônica.

Intervenção – [...]

*Letra e fonema -
unidades
mínimas da palavra*

*A historicidade na
sincronia e na
diacronia*

Sim, mas aí vem o conjunto. É sincrônico porquanto simultâneo, sendo sucessivo na fala. Em sendo um conjunto e simultâneo é uma ocorrência instantânea. Um sonho, por exemplo, apresenta imagens oníricas sincrônicas. Mas tais imagens só são possíveis em palavras, no narrar tais imagens; o narrar, o falar é diacrônico. Foi uma fala a fundadora do significante e será uma fala que o comporá. Eu não sei se isso seria filosofar demais, mas a gente se pergunta sobre o que é o tempo. Pode parecer simples responder assim, mas o tempo é o tempo da palavra, de sua pronúnciação. O tempo é o tempo que se leva para se dizer alguma coisa. O conceito é o tempo da coisa, seu nome, sua nomeação. Claro, enquanto estamos a falar uma determinada coisa, num movimento diacrônico, inúmeras outras ocorrem, num movimento sincrônico. Às vezes notamos, em análise, haver tentativas, por parte do analisante, de abordar temas, mantendo, durante um certo tempo, a ilusão de, como dizem, *fechar a questão*, como se fosse possível abordar uma questão, depois outra, e assim sucessivamente, até encerrá-las todas. Não será essa a mesma ilusão dos sistemas filosóficos, a de atingir um saber absoluto? No entanto, a análise assim o demonstra, não há uma sucessão, mas uma simultaneidade do que se chama *questões*. Além do mais, independem da vontade ou da razão; afinal, assim como não se pode determinar o que vai ser sonhado, o mesmo ocorre no pensar. A simultaneidade poderia impor uma relação atordoante ou caótica se a sucessividade não desse conta na fala da composição sincrônica.

Intervenção – [...]

É fato. Joyce tentou isso na escrita; na análise tentamos fazer o mesmo na fala.

*A combinatoria
semântica em
Joyce*

Intervenção – [...]

Hum, não creio que seja assim; não encontro relação entre eles, ao contrário, considere-os completamente diferentes. Guimarães Rosa lidou com os elementos sincrônicos da língua brasileira, formando essa diacronia de uma narrativa da própria linguagem enquanto sistema linguageiro da Língua falada de modo circunscrito, “puro”, no sentido de isolamento, formando, do particular desse sistema linguageiro falado no *Sertão*, uma narrativa particular do universal da Língua: *O Sertão está em toda parte*

Guimarães Rosa

Intervenção – [...]

Como se lê esse nome? É nome de personagem. [Escreve no quadro]

Alguém lê: Moimeichego.

Muito bem, agora decompondo-o: Moi, me, ich, ego.

Intervenção – [...]

Sim, obedece, de certo modo, ao princípio socrático, de acordo com Platão, ou seja, é muito simples, só se deseja aquilo que falta. E é ao redor disso que falta que se comorá a articulação languageira desejanete, tentando ser falada desde os primórdios pela criança: *Eu quero isso, eu quero aquilo...*, sendo que aí já está a cascata do desejo aparente do desejo inconsciente, sempre desejo de outra coisa.

*A relação psíquica
do desejo com a
hiância*

Intervenção – [...]

Essa hiância prevalece, no sentido de que, afinal de contas, o desejo último é o de preencher esse buraco, sendo o desejo final o de tamponar esse vazio, preencher essa falta.

Intervenções – [...]

O desejo último é preencher esse vazio, essa falta.

Intervenção – [...]

Há, de fato, uma relação. A angústia tem alguma coisa com esse vazio.

Intervenção – [...]

Mas, repare, podemos falar da história, não da pré-história. A própria fala, o falar, introduziu essa hiância. Em algum momento nos separou da Natureza...

Intervenção – [...]

Sim, a Queda, na Mitologia.

Intervenções – [...]

Bem, o discurso religioso é um discurso, é uma fala extensiva, como qualquer outro discurso. Existe o discurso da Religião, o discurso da Ciência... Nesse sentido é um discurso relativo,

*O discurso
religioso*

relativo a uma fala extensa, incluindo toda uma série de metáforas possíveis, inclusive para uma certa idéia sobre completude. Dentre as religiões existentes, a Cristã torna-se eticamente superior por introduzir o monoteísmo e a idéia *Um é três*; Um Pai e a articulação lógica em seu Nome. Bem, esse é um aspecto. O outro, digamos assim... quer dizer, esse aspecto referente à completude, diria respeito a esta visão mítica – há esta dimensão mítica, da Mitologia – e a Mitologia, enquanto discurso, é tão científico quanto o discurso da Ciência, a Mitologia enquanto tentativa de situar o sujeito em sua relação com o Universo. Nesse sentido, o discurso da Religião, tanto quanto o da Mitologia, tentam trazer alguma luz – talvez por isso falem tanto em Luz – sobre esse breu permanente que se abate como hiância sobre o sujeito. Lacan citou... acho que Voltaire, para dizer que, afinal de contas, a História Natural não é tão natural assim. O que existe é História, a partir do momento em que houve algum tipo de inscrição no campo Simbólico. Podemos nos perguntar se falamos desde sempre ou qual foi o momento dessa ocorrência, o famoso elo perdido indicativo do inaugural humano, mas permanece *perdido*

Intervenção – [...]

*Outro –
alteridade primordial*

O Outro, a alteridade primordial mais próxima e materializável, é, digamos assim, a mãe, a mulher grávida, sendo o que de mais próximo há do que se chama completude. Essa completude buscada como natural, essa, sim, seria como uma idéia sobre uma extensão de uma experiência primordial.

Intervenção – [...]

Projetar é um daqueles termos que merece análise mais acurada. Ah!, lingüistas, cadê vocês, ajudem também nisso. Mas essas provocações de vocês terminam por nos desviar do texto. Voltemo-nos para o que teria dito Lacan.

Intervenção – [...]

Matemática... é a dimensão mais indicativa do menos natural no humano...

A Matemática

Intervenção – [...]

...se o significante não alcança, está fora do campo do sistema

linguageiro...

Intervenção – [...]

O fato significativo

Fato? *Fato só faz fato* no dizer de nosso querido Guimarães Rosa. O fato, o fato em si, como Lacan se refere aqui a Freud, enquanto *cicatriz*, é uma tradução possível para trauma. Cicatriz é o trauma. O fato enquanto fato significativo, transformado em significativo para o sujeito enquanto fato lingüístico, esse fato que se quer imediatamente anterior a seu primeiro momento significativo – há fato mítico? – estaria o fato real aquém da fantasia e dos fantasmas de cada um, encoberto por aquilo que Freud designou como nossas fantasias, cenas constitutivas. O fato original, real, está encoberto pelo véu da versão. Freud, por sinal, em sua busca, faz-nos crer, por vezes, ter-se dirigido, de modo insistente, ao real enquanto factual, mas o real está posto a partir do primeiro traço de inscrição da, se assim podemos dizer imaginariamente, primeira versão apresentada ao sujeito pelo campo da linguagem.

Intervenção – [...]

As profantásias

Profantásias. Em Kant encontramos a busca pelo pensamento puro, pelo puro pensamento, isto é, uma forma de ser e de pensar com isenção dos enganos dos sentidos. Seria – seria - onde poderíamos alocar a Matemática. E alocar a Psicanálise.

Intervenção – [...]

*A castração –
uma dimensão da
fala*

Há que se traduzir os termos, definindo-os. Defina o termo. Repare: castração é uma metáfora, estando, portanto, na dimensão da fala e no campo da linguagem.

Intervenção – [...]

A sexuação

Isso é uma idéia, mas de modo mais preciso se reporta à sexuação, à diferença sexual, diferença enquanto descoberta em análise, porquanto inexistente no Inconsciente. No Inconsciente há um; a descoberta está em haver outro. Então, tomemos a frase de Freud *a anatomia é o destino*, tentando afirmar, de algum modo, que estamos limitados ao real do corpo e ao imaginário dos gêneros. A nossa inserção sexual está limitada à imagem do corpo em flagrante contraste com o desejo, que simplesmente desconhece tal fronteira. A descoberta de um outro, um outro sexo, a isso se chama

castração. No infantil há uma fantasia a encobrir o que chamamos realidade em relação à mãe. A mãe tem ou não tem o falo? O falo enquanto identificado culturalmente ao pênis, existe ou não existe? Constatar não ser a mãe portadora disso é o que se chama castração. Essa é a *castriz* fundamental, o trauma primordial. A representação primeira disso está encoberta para sempre.

Intervenções – [...]

Esses por quês tantos, vários, nos remetem às crianças com suas infundáveis perguntas: Por que o céu é azul? Por que azul é azul? São perguntas que não buscam respostas, mas o Outro, a alteridade implícita na fala.

Intervenção – [...]

Provavelmente, só há Inconsciente, só há formações inconscientes numa relação transferencial analisável.

Intervenções – [...]

Nenhuma análise autoriza o sujeito a viver fora da lei. Análise não é para isso. Então, uma coisa é analisar desejos no contexto dessa irresponsabilidade do sujeito em referência a haver uma herança desejante, aos desejos que nos são transferidos, transmitidos, na medida em que desejo é sempre desejo do Outro. Outra coisa é entender o sujeito poder fazer o que bem entende, para usar sua expressão. Ora, diante disso só lhe resta a Lei, em sua aplicação sócio-jurídica. Análise não autoriza comportamentos, menos ainda comportamentos anti-sociais. Análise também não altera a realidade do mundo. O sujeito entra em análise, passa um bom tempo nesse tratamento, modifica-se por efeito de sua própria fala numa situação transferencial – com todas as implicações do termo transferência – mas a realidade ao seu redor, por certo, não se altera como consequência de sua análise. Sua relação com o mundo, sim, claro, essa sofre alterações. Nesse sentido, a irresponsabilidade do sujeito face à alienação do desejo enquanto desejo do Outro não diminui, ao contrário, deve aumentar sua responsabilidade em suas relações sociais, e politicamente, convenhamos, Psicanálise só é possível em regimes sociais democráticos e com livre expressão de idéias. Não idealizamos a democracia a ponto de não considerarmos que foi pelo voto que Sócrates foi morto em Atenas. A

estupidez é também democrática.

Intervenções – [...]

Leitura nas páginas 29-30.

Intervenções – [...]

Só um instantinho, não é *inferno* é *Hades*, só para destacar as diferenças culturais e ideológicas.

Intervenções – [...]

Não se apreende o Inconsciente; o Inconsciente não se torna consciente, permanecendo inconsciente. No mesmo momento e movimento em que algo enquanto formação inconsciente na fala surge, desaparece inapreensível. Esses tropeços são achados fugazes, ou melhor, são (re)achados fugazes. A irresponsabilidade desejante refere-se ao que já está aí, dado ao sujeito, à sua revelia, e nesses tropeços algo disso é reencontrado às vezes. A perda é simultânea ao reencontrado. Fazer análise não é tornar consciente algo inconsciente.

Continuação leitura página 30: *Tropeço, desfalecimento, rachadura...*

Intervenção – [...]

É a mesma surpresa; sem a atenção voltada à surpresa, a análise é monótona. Ao mesmo tempo essa surpresa é da mesma ordem da surpresa, do espanto, diante dos fenômenos naturais e humanos que instigavam a criação imaginária mítica e filosófica de nossos antecedentes gregos. Essa surpresa, esse inusitado, esse admirável de alguma coisa que os fazia filosofar está, para mim, na mesma relação de uma sessão de análise, assim como, por exemplo, na leitura de um escrito, de um bom escrito.

Continuação da leitura na página 30: *A descontinuidade..*

Intervenção – [...]

É. Justamente, *in-consciente*. Ele joga também com a literalidade dos termos *Un* e *um*

Intervenção – [...]

Muito bem. Fiquemos por aqui hoje. Voltaremos ao assunto em nosso próximo encontro. Até lá.

*O espanto –
uma postura
epistêmica*

O Um

Conceitos fundamentais da Psicanálise